

TEATRO

DENISE STOKLOS, UMA ARTISTA DO GESTO

Yan Michalski

JA admiiti algumas vezes o meu pouco entusiasmo para com a linguagem da mímica considerada como um fim em si. Ela me pareceu sempre uma convenção mais do que uma linguagem; como toda convenção, condenada a comprimir-se num estreito código de padrões preestabelecidos. Padrões cujo campo expressivo é muito diminuído pelo masoquista banimento da palavra. Por mais que se deva questionar a primazia da palavra na criação teatral, é evidente que muitos assuntos ficam empobrecidos se não dispomos do verbo, mas apenas de imagens corporais, para discutílos.

Estes pensamentos voltaram-me à lembrança no início do recital que Denise Stoklos, recém-retornada de longa aprendizagem na Inglaterra, apresentou recentemente no Parque Lage, e voltará a apresentar no próximo fim de semana no mesmo local, paralelamente a uma temporada de segundas e terças-feiras no Teatro Gláucio Gill. Seus números iniciais, à la Marcel Marceau, embora realizados com apreciável técnica, remetiam-me a um estilo já bem conhecido e exaurido. Mas aos poucos começou a surgir a artista criativa Denise Stoklos que, com o interesse das idéias que vinha colocando em discussão, com o enfoque pessoal que lhes conferia, e com a força magnética da sua presença, acabava criando uma linguagem original e bela.

Em si os temas dos pequenos números que compõem o recital não têm nada de novo. Eles falam predominantemente da condição da mulher numa sociedade machista, criticando não só as pressões que ela sofre, mas também a futilidade com que muitas vezes a elas se submete. Mas falam, ainda, de outras mazelas da sociedade ocidental de hoje — inclusive, por exemplo, dos perigos representados pela exploração da energia nuclear. O que é novo não são os temas, é a maneira de abordá-los: é pelo menos inabitual esses temas serem enfocados através da arte do gesto, sem palavras. Se não se pode dizer que tal tratamento não verbal contribua para um entendimento mais profundo dos assuntos, não é menos verdade que ele permite mostrá-los sob um ângulo bem sintético, e iluminá-los com uma visão singularmente poética — como acontece, por exemplo, no pungente quadro que retrata o ciclo da maternidade — ou então maliciosamente satírica, como no divertido striptease às avessas, que Denise denomina de *tease-strip*.

Por trás do resultado convincente está não só uma inteligência criativa, mas também uma técnica segura e variada. Gestos nítidos, precisos, desenhados com elegância; um domínio do corpo baseado em profunda musicalidade, que permite extrair efeitos surpreendentes desse fundamento da gramática mímica que é a variação rítmica; um rosto expressivo e

versátil, capaz de intensas mutações; e uma arguta escolha dos poucos objetos usados como apoio, quer se trate de máscaras ou de objetos de uso cotidiano transformados em símbolos (brilhante, a este respeito, a utilização de sapatos de homem, mulher e criança no número final) — o *métier* presente em todos esses recursos revela que Denise aproveitou bem a sua aprendizagem européia. Aprendizagem cujos frutos se propõe, aliás, a transmitir num curso recém-iniciado na Escola de Artes Visuais.

Se alguns trechos resultam menos comunicativos e mais frios do que seria desejável, é que talvez a artista superestime a capacidade de leitura de um público pouco familiarizado com a alfabeto da mímica; alguns excessos de elipse e de abstração na sua linguagem fazem com que nem sempre se saiba o que ela está fazendo ou querendo dizer num determinado momento. Por outro lado, a precária qualidade do equipamento de som usado no abafado auditório do Parque Lage torna difícil o entendimento das letras das canções — várias delas em inglês — cujo texto seria um auxílio importante para a compreensão de determinados números.

Mas nada disso invalida o prazer do contato com uma artista de verdade. O que me aflige um pouco é pensar qual o espaço de trabalho que ela encontrará no Brasil, fora da evidentemente limitada e facilmente esgotável fórmula de recital individual.



Denise Stoklos em recital

CAFÉ-CONCERTO EM BOTAFOGO

Faltam no meu vocabulário crítico palavras para comentar uma realização como *O Loló da Dona Loló*, em cartaz no Café-Concerto Camilly Schnitt, na Rua Voluntários da Pátria. Na verdade, tratando-se de uma casa noturna, os objetivos da proposta talvez sejam diferentes dos que se costuma cobrar da programação de uma sala dedicada à encenação de espetáculos teatrais. O autor M. Cena e o diretor Marcondes Mesqueu, reunidos numa só pessoa física, declaram, porém, que o espetáculo só circunstancialmente está onde está, e que poderia igualmente bem estar num teatro. Ele(s) declara(m) também que a proposta visa a desmascarar os valores de falso moralismo que caracterizam a visão do mundo da classe média. De minha parte, estou convencido de que é impossível desmascarar o que quer que seja através de tão mau teatro, tanta indigência de idéias, tanto clichê, tanta entrega a um populismo rançoso e artisticamente reacionário. É de justiça, porém, uma menção de louvor aos intérpretes Edielio Mendonça, Edson Monteiro, Marina Lira e Paulo Renato pela garra, entrega e alguns momentos de graça chanchadeira com que desempenham os seus papéis e dizem as indescritíveis tolices que o texto coloca em suas bocas.